

]

BUSTAMANTE, Frederico. (Carlos Frederico Bustamante Pontes) Saindo do escuro armário: Reflexões sobre a temática homoerótica no cinema e suas relações com os arquétipos da psicologia analítica de Carl Gustav Jung. São João del-Rei: Universidade Federal de São João del-Rei; Professor Assistente Efetivo. Diretor teatral.

RESUMO

O presente trabalho pretende refletir sobre os significados de cinco noções arquetípicas centrais da psicologia analítica de Carl Gustav Jung: “Animus”, “Anima”, “Persona”, “Sombra” e *Self* ou “Si mesmo” e relacioná-los ao papel da fruição estética do cinema com temática homoerótica no processo de conscientização e conseqüente autoaceitação individual da homossexualidade. Entendendo como uma espécie de matriz formadora da psique humana desde os primórdios, Jung concebeu o conceito de arquétipo no intuito de iluminar as diferentes manifestações das dinâmicas inconscientes com o fim de analisá-las e compreendê-las. Desta forma, o estudo em questão propõe-se a observar e concluir sobre a importância da linguagem cinematográfica, ao se revelar como uma projeção do inconsciente criativo humano, no caminho do favorecimento da ruptura e transformação dos padrões normativos vigentes relacionados às formas legitimadas da sexualidade. A metodologia do trabalho pressupõe a análise de filmes de temática homoerótica e o estudo de textos teóricos de Carl Gustav Jung.

Palavras-chave: Cinema. Homoerotismo. Arquétipo. Jung. Psicologia.

ABSTRACT

The present article discusses the meanings of five main archetypal notions in Carl Gustav Jung's analytical psychology: Animus, Anima, Persona, Shadow and Self, through associations with the importance of an experience in homoerotic cinema and in the process of [*self*] accepting homosexuality. Taking as the basis of the psyche's formation, Jung conceived the concept of archetype in an effort to enlighten the different forms of unconscious manifestations to analyze and understand them. In this way, this study proposes to observe and conclude on the importance of film language, revealing itself as a projection of human creative unconscious, the way in facilitating the breakdown and transformation of existing regulatory standards related to legitimate forms of sexuality. The methodology of the work requires the analysis of homoerotic themed films and the study of theoretical writings of Carl Gustav Jung.

Keywords: Cinema, Homoeroticism, Archetype, Jung, Psychology

Para Carl Gustav Jung, estão presentes no inconsciente de cada indivíduo, além das fantasias relacionadas às suas memórias pessoais, outras fantasias que são constituintes da herança herdada da imaginação humana deste os primórdios da experiência do homem e da mulher no mundo. O “Arquétipo”, como foi conceituado, significaria a expressão desta herança através de estruturas inatas, inconscientes, presentes na psique da humanidade. Seria uma espécie de matriz ou raiz comum de onde a consciência emergiria. Esta descoberta levou Jung a diferenciar o conceito já

]

existente de “Inconsciente pessoal”, desenvolvido inicialmente por Freud, do conceito de inconsciente impessoal, ou transpessoal, que Jung vai denominar de “Inconsciente coletivo”.

Ainda segundo Jung, mesmo antes do nascimento e ainda no útero materno, já herdamos estes conteúdos que perpassam a nossa História e aos quais estamos submetidos de forma inconsciente e inexorável. Só depois do nascimento, diz ele, é que o “Inconsciente pessoal” inicia seu processo de desenvolvimento, constituído das vivências individuais de cada um que, somadas ao “Inconsciente coletivo”, formará a psique como um todo. Alguns arquétipos, no entanto, são mais relevantes em nosso estudo e foram escolhidos por identificarmos a sua importância diante das relações que pretendemos estabelecer. São eles: “Animus” e “Anima”, “Persona”, “Sombra” e “Si mesmo”. Cada um vai constituir parte do nosso percurso reflexivo e necessita ser compreendido em sua especificidade conceitual a fim de maior clareza diante do caminho a ser trilhado.

Falando ainda um pouco mais sobre o conceito de “Arquétipo”, antes de conceituarmos cada uma destas noções arquetípicas acima citadas e a fim de já fornecermos ao leitor uma compreensão inicial das relações pretendidas em nosso trabalho, observemos o que Luiz Paulo Grinberg (1997) diz ao falar do papel positivo do arquétipo quando este induz o artista em seu processo criativo a reverberar imagens coletivas por meio das obras de arte: “Quando atuam positivamente, os arquétipos estão por trás de toda atividade criadora, sendo fonte de inspiração nas artes e nas ciências, dando forma a ideias e imagens características de um determinado momento cultural.” (GRINBERG, 1997, p. 140).

Desta forma, inferimos que uma determinada obra de arte, inserida em um momento histórico específico, pode, além de espelhar os aspectos sociais deste contexto ao qual está vinculada e a partir do qual foi criada, apontar também para a irrupção de imagens coletivas de caráter arquetípico e transcultural, advindas do inconsciente impessoal do artista em consonância com as questões mais relevantes de seu tempo. Fornecidas ao espectador da obra, estas imagens tornar-se-ão chaves inconscientes que favorecerão o indivíduo em seus processos psíquicos de elaboração de questões da consciência.

Atendo-nos agora aos arquétipos que nos deteremos em nosso estudo, Jung vai conceituar o “Animus” e a “Anima”. Segundo ele, cada uma destas noções arquetípicas pressupõe a presença de aspectos da natureza psicológica masculina e feminina, assim como existem as biológicas, presentes no inconsciente de cada mulher e homem respectivamente. Estes aspectos informariam a presença de características de um e outro gênero que foram sendo moldadas a partir da condensação das experiências que os homens e mulheres tiveram ao longo de milênios um com o outro. Jung afirma que estes arquétipos se aproximam, na dinâmica dos processos de individuação humana, de outro arquétipo presente no inconsciente coletivo que ele denomina de “Andrógino”. Teorias recentes sobre a orientação sexual heterossexual e homossexual pelo viés junguiano, apontam para a importância das relações entre os arquétipos da “Anima”, “Animus” e “Andrógino” no caminho da

] compreensão dos processos de individuação de heterossexuais, gays e lésbicas:

Os homens nem sempre são apenas homens, conforme a definição da cultura ocidental, mas podem às vezes ser, no plano arquetípico e emocional, mulheres e andróginos; da mesma forma, as mulheres não são só mulheres, mas possuem uma masculinidade e uma androginia muitas vezes reprimida pelos valores culturais. Caso isso seja esquecido, uma teoria que encare a orientação sexual como uma confluência do masculino, do feminino e do Andrógino amplia e aprofunda uma visão erroneamente estreita da dinâmica das relações heterossexuais. [...] No entanto, minha proposta não advém de um desejo ardente de compreender as relações entre homens e mulheres, mas de formular uma explicação arquetípica para os fenômenos envolvidos na homossexualidade, as relações entre pessoas do mesmo sexo para as quais foram propostas até agora poucas teorias progressistas e isentas. (HOPCKE, 1993, p. 145-146)

Já outro arquétipo relevante em nosso estudo, o da “Persona”, diz respeito principalmente ao que é esperado de uma pessoa segundo o que ela entende que deve parecer ser, a partir de um acordo inconsciente entre esta pessoa e a sociedade à sua volta. Segundo Grinberg (1997):

Desde muito cedo aprendemos a nos moldar às expectativas dos pais, dos professores e da sociedade. Por uma série de razões adaptativas, por necessidade de segurança e de afeto, vamos selecionando qualidades e traços que consideramos desejáveis e mais adequados. Nossa capacidade de aprendizado por meio da imitação e da sugestão é de grande utilidade para tais propósitos. (GRINBERG, 1997, p. 143)

Desta maneira, agindo como uma máscara social, “[...] a Persona pode encobrir nossa verdadeira natureza e esconder as características que não costumam ser aceitas e por isso tendemos a rejeitar.” (GRINBERG, 1997, p. 144). Caso não tenhamos consciência deste processo de pacto inconsciente com as normas sociais, reprimimos de tal forma esta natureza genuína que, embora sussurrada pelo arquétipo do “Si mesmo” sobre o qual falaremos mais adiante, a negamos por medo ou insegurança; assim, vamos sendo tragados por esta máscara que, “grudada ao nosso rosto”, aos poucos não mais conseguimos nos diferenciar. O arquétipo da “Sombra”, por sua vez, nada mais é do que a oposição de qualidades em relação à “Persona” com a qual mantém uma relação compensatória. Esta oposição se dá a partir dos aspectos reprimidos de nossa natureza original que, embora em algum momento conscientes, foram lançados ao inconsciente por os acharmos moralmente condenáveis. Enfrentar a “Sombra” e nos conscientizarmos desta natureza reprimida é normalmente um processo doloroso para o ego, porém uma atitude imprescindível no percurso da individuação.

Os mecanismos inconscientes mais comuns de defesa deste necessário enfrentamento do ego com a “Sombra”, em função do desenvolvimento da “Persona”, são: “Projeção”, “Negação” e “Repressão”. Na “Projeção”, o “mal” que não queremos reconhecer em nós está fora, no outro. Uma determinada faceta da homofobia é um dos aspectos que podemos explicar através do mecanismo da “Projeção”. No caso da “Negação”, um exemplo nítido é o homossexual masculino conhecido como “enrustido”. Este indivíduo, que muitas vezes se casa com uma mulher e constitui família, nega sua condição homossexual, mas, como não consegue reprimi-la totalmente, procura relações sexuais casuais com outros homens a fim de extravasar o desejo negado que

] não consegue conter. Identifica-se enquanto heterossexual e tem naquele ato furtivo a expressão, de certa forma inconsciente, de um desejo reprimido. Vinculado à máscara da “Persona” do marido e pai de família socialmente bem enquadrado, o indivíduo remete à “Sombra” a expressão de sua orientação sexual legítima por medo do que esta orientação possa lhe causar, caso venha a assumir socialmente tal condição.

Já a “Repressão” se coloca como o mecanismo psicológico mais utilizado entre os homossexuais e gerador dos outros mecanismos citados. Por agir como uma defesa do ego ao enfrentamento da questão, o indivíduo reprimido expulsa da consciência aquilo que não lhe convém, mantendo excluídos no inconsciente, ou seja, na “Sombra” de sua consciência, os conteúdos que não quer ou consegue enfrentar e “iluminar”. Quanto ao arquétipo do “Si mesmo”, este foi identificado por Jung como sendo a potencialidade arquetípica de nossa legítima personalidade, presente em cada indivíduo deste o nascimento. Se soubermos acessá-la adequadamente, ela nos conduzirá a uma adaptação social sem que, necessariamente, a “Persona” tenha que estar mediando sozinha este contato do ego com o mundo:

Como um diretor de teatro, o Si mesmo é uma espécie de organizador central que coordena as inúmeras ações, trocas e relações de vários personagens: os aspectos da personalidade. Ele é responsável pela caracterização da individualidade de cada pessoa, buscando sua melhor adaptação possível nas diversas fases do desenvolvimento ao longo da vida. (GRINBERG, 1997, p.154)

O filme que escolhemos relacionar, a partir do estudo proposto, aponta para o percurso de individuação de duas personagens femininas que, embora em parte trágico, leva-nos a identificar a presença dos diferentes arquétipos descritos até agora que, segundo acreditamos, pode viabilizar a mobilização do imaginário arquetípico do espectador e a consequente elaboração de seus conteúdos psíquicos a partir da fruição da obra. O longa-metragem *Infância* (The childrens' hour) de 1961, dirigido por William Wyler, fala da relação profissional e de amizade de duas professoras (Shirley MacLaine e Audrey Hepburn) que, de uma hora para outra se veem vitimadas pela acusação de uma criança, para a qual davam aula, de serem amantes.

Inconscientes do sentimento mais profundo que havia entre elas e com suas vidas pessoais e profissionais devassadas e destruídas pela mentira da criança, ambas se percebem lançadas em um abismo de questões para as quais somente uma delas estará preparada, enquanto a outra, infelizmente, irá sucumbir através do suicídio. Na história, cada uma das personagens sempre viveu identificada à “Persona” da mulher heterossexual, um delas inclusive estava noiva e até certo ponto acomodada à projeção do “Animus” em seu noivo. A partir da situação inventada pela criança à sua rica avó, há um grande alvoroço na conservadora sociedade de uma pequena cidade nos anos cinquenta do leste dos Estados Unidos, gerando uma enorme “Sombra” social coletiva, que se levanta monstruosa contra as duas mulheres levando-as à ruína em suas vidas pessoais e profissionais.

Mais para o final do filme, uma delas (a personagem de Shirley MacLaine), em um momento de desespero assume o sentimento afetivo que

]

nutria pela amiga, dizendo sentir-se terrivelmente culpada pela percepção de ter destruído a vida de ambas. A repressão do desejo negado até àquele momento e legado à “Sombra” irrompe para a consciência levando a personagem de Shirley a perceber-se inadequada diante da sociedade que a identificava como anormal. A outra personagem (a de Audrey Hepburn), menos identificada com este lugar de inadequação e compassiva diante do sentimento de culpa e desespero da personagem de Shirley, demonstra mais força e coragem para enfrentar a situação colocada. Até porque, naquele mesmo momento, há uma reviravolta quando a avó da criança descobre a farsa inventada pela neta e vai até a casa das duas tentar remediar o mal cometido com a difamação.

Com o fato da personagem de Shirley MacLaine ter assumido pouco antes da deflagração da mentira o sentimento afetivo e o desejo pela amiga, não lhe dá alternativa a não ser punir-se a fim de espiar o mal que julgava ter sido por ela gerado. Ao final, diante do caixão da amiga, a personagem de Audrey Hepburn diz de forma amorosa que ambas estariam sempre juntas. Após este momento, ela sai do cemitério com a cabeça erguida deixando para trás, imobilizada, toda a sociedade que, agora aprisionada pela vergonha e culpa, a observa de longe caminhar resolutamente para longe dali. Na última cena, um *close* em seu rosto lhe expõe o esboço de um suave sorriso, ao mesmo tempo em que seu olhar se dirige ao céu expressando liberdade e paz, sensações advindas da percepção de transformação da personagem, a partir do contato inconsciente com o arquétipo do “Si mesmo”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

JUNG, Emma. *Animus e Anima*. SP: Ed. Cultrix, 1967.
GRINBERG, Luiz Paulo. *Jung – O homem criativo*. SP: Ed, FTD, 1997.
HOPCKE, Robert H. *Jung, junguianos e a homossexualidade*. SP: Ed. Siciliano, 1989.

REFERÊNCIA FILMOGRÁFICA:

INFÂMIA. Direção Willian Wyler. Produção: Willian Wyler. Metro-Goldwyn-Mayer, 1961. 1 bobina cinematográfica.